



## Associação Brasileira de Ontopsicologia

### Síntese de Pesquisa Científica

#### **O campo semântico como agente no interior da pesquisa acadêmica<sup>1</sup>**

Adriane M. M. Mendes<sup>2</sup>

A ciência moderna orgulha-se da própria objetividade. O que se espera de uma ciência “objetiva” é que seja objeto de experimentação e repetição, o que equivale a dizer que, uma vez encontrado um certo tipo de resposta experimental, se mantidas todas as variáveis sob controle, aquele resultado obtido por um pesquisador deverá ser idêntico àquele encontrado por outro.

A microbiologia faz parte das ciências biológicas, e como tal é basicamente uma ciência experimental. Uma vez que se tenham os instrumentos adequados e que estes sejam utilizados corretamente, acredita-se que o resultado experimental seja obtido com exatidão.

Esta situação cômoda, porém, é abalada quando tomamos conhecimento da teoria dos campos semânticos formulada por Antonio Meneghetti. Segundo o autor<sup>3</sup>, o campo semântico é “o impacto que a natureza faz entre as individuações, é o deslocamento de intencionalidade psicoenergética de um indivíduo para outro”.

O campo semântico é um transdutor informático sem deslocamento de energia: transmite uma informação, uma imagem, um código, que quando chega estrutura em emoção qualquer coisa vivente ou organizada em vida, comportando uma variante psico-emotiva e orgânica. Quando a informação transmitida chega à unidade de ação receptora, a energia do receptor muda e se formaliza em consequência da informação recebida. O campo semântico age sempre, é a comunicação base que a vida estabelece entre as individuações.

Em um de seus artigos, Meneghetti afirma que “um cientista, antes de formular as suas teorias, deve verificar se ele mesmo é maduro, sadio, exato com o uso, com o fato, com a ordem da sua inteligência”<sup>4</sup>. Do pesquisador das áreas biológicas se exige um certo conhecimento sobre determinado assunto, aptidão técnica, um certo tipo de dedicação, tempo etc., mas não importa se ele é exato na sua consciência. É como se, ao pesquisar, a parte subjetiva do indivíduo não estivesse presente, é como se, realizando a técnica, atuasse como um equipamento. Na realidade, quando se projeta um equipamento, busca-se repetir a ação humana sem necessitar do humano, sob a justificativa de “diminuir-se a chance de ocorrer falha técnica”, isto é, admite-se que o homem é passível de erro e a máquina não. Então, se tenho um homem à frente da pesquisa, não posso imaginá-lo como uma máquina. Mesmo que o trabalho seja execução de uma simples técnica, sempre estará presente uma subjetividade, sempre existe alguém conduzindo a máquina.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no 1º Congresso Mundial e XV Internacional de Ontopsicologia – Moscou, 1997 e publicado na Revista Nuova Ontopsicologia, fevereiro, 1998.

<sup>2</sup> Professora de Microbiologia da Universidade Federal de Santa Catarina, membro do Conselho Diretivo da ABO.

<sup>3</sup> Meneghetti, A. Campo semântico. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005.

<sup>4</sup> Meneghetti, A. Da metanóia dirigencial ao líder criativo. Rev. Ontopsicologia, n.9, 1994.



## Associação Brasileira de Ontopsicologia

Ao nos depararmos com a teoria de Meneghetti, tínhamos um novo desafio: verificar se existe, de fato, uma garantia de exatidão nos experimentos que realizamos.

Com este objetivo, desenvolvemos um trabalho que decorreu da forma a seguir descrita: num primeiro momento, foram reunidos em dois grupos distintos estudantes de Medicina (aqui denominados equipe A) e de Farmácia (equipe B). Sem que uma equipe soubesse da existência da outra, propusemos um experimento que tinha por objetivo verificar o comportamento de diferentes bactérias frente a uma série de antimicrobianos utilizados na terapêutica médica.

Para a determinação da sensibilidade bacteriana, utilizamos testes “in vitro”, que consistem em colocar a bactéria em contato com a droga em meio de cultivo adequado, temperatura ideal, por período de tempo pré-determinado. Na nossa pesquisa, utilizamos o teste de difusão, no qual a droga se difunde no meio de cultivo e, se conseguir impedir o crescimento da bactéria, se formará um halo de inibição, um círculo ao redor do disco que contem a droga. Este halo é então medido e comparado com uma tabela padrão. Pode-se então prever que, uma vez cumpridas as exigências técnicas, teremos um resultado que guiará a terapêutica médica. De fato, por se tratar de um método simples e rápido, é de grande utilização nos laboratórios, seja hospitalares que de pesquisa.

Em nossa pesquisa, pesquisamos 5 tipos de bactérias diferentes, que foram testadas frente a ação de diferentes drogas antimicrobianas, escolhidas de acordo com a literatura especializada. Estes testes foram realizados pelas duas equipes de estudantes, que utilizaram a mesma técnica, os mesmos equipamentos, e as mesmas linhagens de bactérias.

O que se verificou foi que, pelo menos em um experimento de cada bactéria, o padrão de comportamento foi diferente para as duas equipes, lembrando que o padrão é definido pela medida do halo de inibição. Para *Salmonella*, por exemplo, observamos resultados contrários, tendo esta bactéria se mostrado sensível a um antibiótico no experimento da equipe B e totalmente resistente no experimento da equipe A, em todas as repetições.

A interferência do campo semântico na pesquisa foi constatada em outros dois experimentos. Em um deles, escolhemos três dentre os participantes da primeira experiência e o solicitamos que repetisse o teste mais uma vez. Fornecemos aos três a mesma bactéria, mas o fizemos acreditar que fossem três bactérias diferentes. Eles analisaram a sensibilidade da bactéria na presença de cinco antimicrobianos e os resultados demonstraram variações nos diâmetros dos halos de inibição de um experimento para o outro. Antes que eles tivessem acesso ao material, nós medimos os halos produzidos, e em muitos desses, também a nossa medida não coincidia com aquela obtida pelos estudantes. Ou seja, a mesma bactéria, na presença dos antimicrobianos teve um comportamento diferente, e o mesmo halo produzido teve medidas diferentes segundo o pesquisador que realizou a leitura dos resultados. No segundo experimento, trabalhamos com um grupo de 24 alunos, divididos em 2 laboratórios, que formaram pequenos grupos e realizaram a mesma técnica simultaneamente, com a coordenação de dois professores de microbiologia.



## **Associação Brasileira de Ontopsicologia**

Os grupos do mesmo laboratório, mesmo utilizando a mesma amostra de bactérias e os mesmos instrumentos, obtiveram resultados distintos entre si, enquanto os grupos do outro laboratório, com a coordenação de outro professor, também apresentaram resultados diferentes.

Aquilo que nossos resultados demonstram é que não basta o conhecimento da técnica, não bastam os instrumentos adequados. A existência dos campos semânticos deve ser vista como a possibilidade de uma nova ciência. Na sua etimologia “ciência” significa “estar junto a ação do ser, do real”. Uma vez que o pesquisador compreende isso, devo buscar a própria exatidão, critério que torna possível o uso correto desta comunicação base que a vida dá, e ser ele mesmo o principal instrumento da sua pesquisa.